

## TRANSEXUALIDADE: UMA QUESTÃO DE IDENTIDADE

*Sérgio José Alves de Almeida<sup>1</sup>*

*Luciana Dotta<sup>2</sup>*

*Rudolf Krawczenko Feitosa de Oliveira<sup>3</sup>*

**Resumo:** O presente estudo de caso aborda a problemática da transexualidade, um dos aspectos mais controversos da sexualidade humana. Apresenta os enfoques básicos do transexual homem → mulher A., 39 anos, branco, residente em São José do Rio Preto, que frequenta o Programa de Disforia de Gênero do Hospital de Base da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto. Embora desde a infância possuir o sentimento de inadequação quanto ao próprio gênero, apenas há três anos conheceu o conceito de transexualidade e deu início à sua “transformação” para o sexo feminino, o que representa um fato peculiar em termos de transexualidade. Não se identifica com homossexuais e tampouco com travestis. Atualmente vive as vinte e quatro horas do dia na condição de mulher e aguarda sua cirurgia de redesignação sexual. A. é solteiro, tem namorado, mora com uma amiga e trabalha como recepcionista.

**Abstract:** Transsexuality can be considered one of the most controversial aspect of human sexuality. This case study presents some important approaches of A., a man → woman transsexual, 39 years old, white, from São José do Rio Preto. He has been attending the gender dysphoria program at Hospital de Base, São José do Rio Preto Medical School, FAMERP. Although, since childhood he had faced his own gender inadequacy, only three years ago he noticed the concept of transsexuality. Afterwards, he initiated himself into “tranformation” of female Sex. This can be considered a special fact on transsexuality overview. He does not identify himself with both homosexuals and transvestites. At present, he has been

---

<sup>1</sup>Médico Psiquiatra. Terapeuta Sexual. Professor Adjunto Doutor do Departamento de Psiquiatria e Psicologia Médica da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto/FAMERP. Responsável pelo setor Psiquiátrico/Sexológico do programa de Disforia de Gênero da FAMERP. E-mail: [sergio.a@terra.com.br](mailto:sergio.a@terra.com.br)

<sup>2</sup>Acadêmica do terceiro ano de Medicina da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto/FAMERP.

<sup>3</sup>Acadêmico do terceiro ano de Medicina da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto/FAMERP.

living like a woman, expecting for his sehuual redesignation surgery. A. is single, has a boyfriend, shares a room with a female friend and works as a receptionist.

## Introdução

De acordo com o dicionário Aurélio, a definição do conceito de identidade seria o conjunto de caracteres próprios e exclusivos de um indivíduo, que o faz ser reconhecido como ele mesmo. Este é exatamente o ponto crucial para o entendimento da questão transexual.

PAMPLONA DA COSTA, em “Os Onze Sexos” (1994), nos traz que “ao longo de quase toda uma vida, desde a infância, os transexuais sentem-se como uma pessoa que nasceu com o ‘corpo trocado’. São almas femininas, aprisionadas em corpos masculinos, ou vice-versa”. GOLDENSON E ANDERSON, em seu “Dicionário do Sexo” (1989), define a transexualidade como “distúrbio de identidade de gênero, caracterizado por um persistente sentimento de desconforto em relação ao próprio sexo anatômico, assim como uma necessidade obsessiva de mudar os órgãos sexuais, viver e se sentir como pessoa do outro sexo”. Outra conceituação nos apresentam VERDE E GAZIOTTIN em “Transexualismo, o Enigma de Identidade” (1997), quando se referem à transexualidade como uma “síndrome transexual”, sendo esta a “convicção precoce, permanente e irreversível de pertencer ao sexo oposto, em uma pessoa totalmente normal, sob o ponto de vista cromossômico, hormonal ou somático”. RAMSEY em “Transexuais, Perguntas e Respostas” (1999), trata o tema como “o sentimento de infelicidade ou depressão quanto ao próprio sexo”.

É importante diferenciar os transexuais dos homossexuais e travestis. Homossexualidade não é uma questão de identidade e sim de orientação sexual. O indivíduo apresenta-se absolutamente satisfeito com o próprio corpo e genitais, porém possui orientação afetiva sexual para o próprio sexo. Já os travestis, se vestem com roupas do sexo oposto geralmente para obtenção de gratificação sexual. Aceitam, gostam e utilizam sua própria genitália, experimentando uma mudança apenas momentânea de papel sócio/sexual. O transexual, como já referido, não aceita o próprio corpo e o papel a ele atribuído pela sociedade de acordo com seu sexo biológico, chegando por vezes a não se identificar com sua imagem no espelho e a ter repulsão por seus genitais. Não podemos deixar de citar que, apesar da transexualidade não ser uma questão recente (há referências mitológicas e personagens reais envolvidos nessa problemática que datam de milênios), ela ainda é vista como um ponto obscuro da sexualidade, tanto para a população em geral, como para grande parte da sociedade médica. Cada ser humano possui uma identidade sexual correspondente ao seu sexo biológico, desta maneira, homens apresentariam identidades masculinas e mulheres, femininas, independentemente de sua orientação sexual (heterossexuais, bissexuais,

homossexuais). Os transexuais, por sua vez, apresentam identidade cruzada. Ou como preferem dizer, “uma alma presa a um corpo que não lhes pertence”.

## Relato de Caso

A., sexo masculino, branco, 39 anos, solteiro, natural de São Paulo, residente em São José do Rio Preto, possui ensino fundamental incompleto (até 4ª série primária), recepcionista de uma empresa de moto-taxi, é um transexual homem → mulher que há 4 anos participa do Programa de Disforia de Gênero do Hospital de Base da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto. Procurou nosso serviço com a seguinte queixa: *“eu me olho no espelho, me pergunto onde eu estou, por que eu vejo um homem, mas me sinto mulher”*.

A. relata ter tido uma infância relativamente normal, nos padrões sociais masculinos (vestimenta, brinquedos e regras sociais típicas de seu gênero), mas diz que sempre se sentiu diferente, embora não conseguisse identificar porque: *“eu tinha o sentimento, mas não pus para fora”*.

Perdeu a mãe precocemente, passando a morar apenas com o pai e parentes. Seu pai faleceu no início da sua adolescência, quando então já havia se mudado para São José do Rio Preto. Aos 9 anos sentiu-se atraído por um rapaz de 15 anos e aos 11 anos teve sua primeira experiência sexual (sexo oral) com seu primo de 15 anos, por livre e espontânea vontade: *“nunca fui seduzida. O que eu senti foi natural mesmo”*.

Embora se portasse como rapaz, sempre escondendo seus verdadeiros sentimentos, muitas vezes era vítima de chacotas, sendo rotulado como “bicha” e “viado”: *“...me sentia acusada de um crime que não cometi”*. Quando do surgimento dos caracteres sexuais secundários, o sentimento de desconforto com o próprio corpo tornou-se traumático. Já não suportava mais olhar-se no espelho e tirar fotos.

Aos 16 anos revelou-se para sua família como homossexual, embora não se identificasse como tal, fato que causou polêmica no ambiente familiar.

Nunca admitiu vestir roupas femininas tendo genitália masculina: *“o que me impedia de assumir é que eu nunca concordei em andar vestida de mulher com um pênis no meio da perna”*.

Refere que era muito assediado por mulheres e chegava até a sentir medo. Namorou três mulheres mas não teve relações sexuais com nenhuma delas: *“beija, abraça e para mim era uma geladeira”*. Namorou mais de vinte homens mas na época nunca praticou sexo anal.

Nunca se identificou com travestis ou com homossexuais, tampouco frequentou seus ambientes.

Aos 35 anos, assistindo à televisão, conheceu o Programa de Disforia de Gênero do Hospital de Base da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, quando

finalmente se identificou como transexual, sendo este seu primeiro contato com o conceito de transexualidade: *“áí eu chorei... de emoção, por saber que eu não era uma bicha... eu me descobri uma transexual”*.

Logo em seguida procurou o serviço com o desejo de realizar a cirurgia de redesignação sexual, sendo então esclarecido que deveria passar por um processo de avaliação e “transformação” durante um longo período.

No seu processo de “transformação” de homem para mulher, teve suporte do serviço e ajuda de outros transexuais que o ensinaram como se depilar, maquiagem e se vestir como mulher. Passou a utilizar estrógeno fornecido pelos médicos e outros hormônios por conta própria para “remodelação” do corpo. Seus amigos e familiares o apoiaram: *“então elas falaram (amigas): ‘Ah! Você nunca foi homem mesmo...’”*. Devido a esse processo, perdeu seu emprego na época (zelador de um edifício). Após um período de tempo, passou a viver as 24 horas do dia como mulher, expondo pela primeira vez seu verdadeiro eu.

Atualmente namora um homem com o qual mantém relações sexuais, incluindo sexo anal.

Diz não se iludir com relação à sua vida após a cirurgia, que sofrerá decepções como qualquer mulher normal. Sonha em colocar biquíni, ir a um baile com vestido longo e ter relação sexual prazerosa vaginal: *“a cirurgia vai tirar uma peça que nasceu errada”*. Nutre o desejo de adotar filhos.

## Discussão

Este relato de caso demonstra a dificuldade encontrada por muitos transexuais em identificarem-se como tais e procurarem serviços de apoio. Estatísticas variam de 1:30.000 a 1:100.000 para transexuais masculinos (homem→mulher) e 1:100.000 a 1:400.000 entre femininos (mulher→homem), mas provavelmente este número é muito maior. Existem muitos casos não identificados e não relatados, tanto por desinformação, preconceito ou por ausência de serviços especializados. A transexualidade geralmente é pontuada por determinados acontecimentos comuns, tais como: a não aceitação do papel social do seu próprio gênero desde a infância, a falta de compreensão e/ou a não aceitação por parte dos familiares e amigos, as experiências de travestismo, a não identificação com travestis e homossexuais, e o mais importante, o que identifica de fato o transexual como tal, o sentimento de inadequação quanto ao próprio corpo, genitais e caracteres sexuais secundários, o que leva os transexuais a buscarem a cirurgia de redesignação sexual.

A. é um caso confirmado de transexual homem→mulher, embora sua história não seja típica. Na infância, apesar do sentimento de desconforto e a sensação de “ser diferente dos outros meninos” aceitou o papel social do seu próprio gênero sem maiores conflitos. Vestia-se, portava-se e fazia parte dos jogos sociais masculinos.

Nunca se travestiu pois não concordava em usar roupas femininas tendo genitália masculina. Com a chegada dos caracteres sexuais secundários próprios do homem (barba, pêlos, engrossamento da voz, desenvolvimento típico da musculatura, etc.) tornou-se muito recluso. Essas atitudes constituem um mecanismo de defesa inconsciente desenvolvido para protegê-lo de sua realidade transexual, reprimindo sua verdadeira personalidade de maneira muito intensa.

Durante sua vida adulta, o sentimento de repressão e inadequação em relação ao próprio corpo intensificou-se, aumentando a sensação de desorientação pois não se encaixava em nenhum papel sócio/sexual.

Quando A. chegou pela primeira vez ao Programa de Disforia de Gênero do Hospital de Base da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, ainda não havia iniciado nenhuma etapa do seu processo de transformação homem → mulher, o que constitui um fato raro. A quase totalidade dos transexuais que procuram este tipo de serviço, já se apresentam assumindo algum tipo de caracterização feminina como roupas, adereços, maquiagem, depilação ou até remodelação corporal (homônimos e pequenas cirurgias plásticas). Uma vez inserido no programa, A. conscientizou-se rapidamente de sua verdadeira realidade e sua adequação ao grupo realizou-se em um curto espaço de tempo, adaptando-se muito bem ao tratamento. Outro aspecto peculiar da história de A. diz respeito à boa aceitação, por parte de seus familiares e amigos, de sua condição transexual, o que não acontece na maioria dos casos.

O tratamento de A. consiste em psicoterapia individual, terapia em grupo, acompanhamento por psicólogo, psiquiatra, endocrinologista, sexólogo, clínico, cirurgião e por assistente social. Foram realizadas avaliações psiquiátricas e psicológicas utilizando-se dos seguintes testes: HTP, MMPI, Wais, Beck e Idate.

Os testes HTP e MMPI avaliam, em níveis diferentes, a personalidade do indivíduo: A. coloca-se na sua família como mulher e não apresenta transtornos mentais. Na aplicação do teste Wais, observou-se um Q.I. compatível com seu grau de escolaridade. Por fim, os testes Beck e Idate apontaram, respectivamente, um quadro de depressão mínimo (não patológico) e nível de ansiedade dentro da normalidade.

## Conclusão

A transexualidade é um fenômeno único e bem definido, em que a mente não se adequa ao corpo ou vice-versa (identidade cruzada). Temos de um lado aspectos biológicos de um sexo e do outro, identidade de gênero do sexo oposto.

Atualmente, a única solução é adequar o corpo à mente através da cirurgia de redesignação sexual, uma vez que o inverso não é possível. Este tipo de cirurgia foi liberada para ser realizada em hospitais universitários ou públicos adequados à pesquisa, em caráter experimental, pelo Conselho Federal de Medicina, portaria

no.1482/97. De acordo com a resolução no.1652/2002 a cirurgia de redesignação sexual homem → mulher pode ser realizada em hospitais públicos ou privados, independente da atividade de pesquisa. É necessário ser maior de 21 anos, ter acompanhamento de no mínimo dois anos por uma equipe multidisciplinar e a ausência de características físicas inapropriadas para a cirurgia, além de um diagnóstico preciso.

Uma vez realizada a cirurgia, os transexuais iniciam uma nova vida. O encaminhamento para a cirurgia deve ser precedido de um diagnóstico preciso, pois trata-se de uma solução definitiva.

A análise do caso de A., apesar de todas as peculiaridades apontadas, leva a um diagnóstico de transexualidade já confirmado pelo Programa de Disforia de Gênero do Hospital de Base da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto. Desta maneira, a solução é a realização da cirurgia de redesignação sexual.

## **Bibliografia**

ABDO, C. H. N., (Org.) *Sexualidade Humana e seu transtornos*. São Paulo: Lemos, 2000.

ANGRIMANI, D. *Nicole, um romance transgênero*. São Paulo: G.L.S., 1999.

COSTA, R. P. *Os onze sexos / As múltiplas faces da sexualidade humana*. São Paulo: Gente, 1994.

COUTO, E. S. *Transexualidade / O corpo em mutação*. Salvador: Grupo Gay da Bahia, 2000.

FERREIRA, A. B. H., *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1988

FRY, P.; MAC, R. *O que é Homossexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

GOLDENSON, R. M.; ANDERSON, K. W. *Dicionário de Sexo*. São Paulo: Ática, 1989.

PICAZIO, C. *Sexo secreto / Temas polêmicos em sexualidade*. São Paulo: G.L.S., 1999.

RAMSEY, G. *Transexuais, Perguntas e Respostas*. São Paulo: G.L.S., 1999.

SANTOS JÚNIOR, O. P. *Bichonário, um dicionário gay*. Salvador: Ed. Do autor, 1999.

VERDE, J. B.; GRAZIOTTIN, A. *Transexualismo, o enigma da Identidade*. São Paulo: Paulus, 1997.